



Capítulo um

De repente, ouviu-se um apito agudo do lado de fora no corredor, e as portas do trem começaram a se fechar. Acenei para minha mãe e minha irmãzinha Rosie, que estavam na plataforma. Mamãe passou o braço pela janela e apertou minha mão.

— Tchau, Megan. Comporte-se na casa de Alice — disse ela. — E lembre-se: desta vez, nada daquela brincadeira boba de se esconder embaixo da cama.

Resmunguei. Mamãe *nunca* ia me deixar esquecer o que aconteceu ano passado. Parecia até que eu tinha roubado um banco, matado alguém, espalhado um vírus de computador ou feito alguma coisa séria como essas. Tudo que fiz foi tentar ajudar minha amiga quando ela precisou de mim.





Ora, o que aconteceu foi que Alice, minha melhor amiga, se mudou de Limerick para Dublin com a mãe e o irmão porque seus pais tinham acabado de se separar. Claro que Alice e eu ficamos muito chateadas com isso, então, no Dia das Bruxas, quando veio visitar o pai, ela bolou um plano totalmente maluco. (Alice é especialista em planos totalmente malucos!) Ficou escondida na minha casa por dias, esperando que isso assustasse bastante seus pais a ponto de sua mãe querer voltar para Limerick onde todos viveriam, enfim, felizes para sempre.

É claro que não foi bem isso o que aconteceu. A mãe dela não quis se mudar de Dublin, e só o que minha amiga conseguiu foi arrumar muita confusão.

Mesmo assim, a mãe de Alice permitiu que ela visitasse Limerick mais vezes depois disso, então acho que esse plano doido no final das contas acabou funcionando.

De qualquer forma, isso tudo foi há séculos, e todo mundo conseguiu esquecer, menos minha mãe, que tem uma memória de elefante. Agora, nas férias de inverno, eu é que estou indo para Dublin passar seis dias maravilhosos com Alice.

Depois de um barulho horroroso de guincho, o trem começou a andar. De repente, Rosie abriu o maior berreiro. Esticou uma daquelas mãozinhas





gorduchas em minha direção, com enormes lágrimas escorrendo pelo rosto. No início, achei que ela estivesse chorando porque ia ficar com saudade de mim, o que me deixou toda orgulhosa, mas, ao mesmo tempo, com pena. Depois, pensei com meus botões que ela provavelmente só estava com ciúmes porque eu ia andar de trem, e ela não.

— Não chore, Rosie — gritei pela janela. — Logo, logo estou de volta e vou trazer balas para você. Um montão. Todas só para você.

Mamãe balançou a cabeça mostrando que não tinha gostado nada daquilo e me lançou um de seus célebres olhares. Se pudesse, faria com que as balas fossem banidas da face da Terra. Imediatamente, Rosie ficou feliz. Parou de chorar e me deu um sorriso radiante.

— Bala pra Rosie — disse ela.

Eu ri. Normalmente Rosie é bem fofinha.

O trem estava se movendo um pouco mais depressa agora. Mamãe pegou Rosie no colo e foi acompanhando o veículo, dando passos largos do lado da minha janela. Queria que ela não fizesse aquilo. Que mico! Além do mais, era exatamente em momentos como este que Melissa, a garota mais malvada da minha turma, aparecia, como se eu já não me sentisse envergonhada o bastante.





O trem acelerou ainda mais. Mamãe estava quase correndo ali na plataforma, acenando loucamente. Quem visse a cena era capaz de achar que eu estava indo passar uns cem anos nos Estados Unidos e não uma semana em Dublin. Tadinha da Rosie. Ela parecia um pouco assustada ali, agarrada ao pescoço da mamãe, que a sacudia para cima e para baixo, com o rosto todo vermelho e suado, e os cabelos embaraçados, esvoaçando na cara depois que a fivela se soltou. Eu queria gritar e pedir para ela deixar de ser ridícula e, o que era pior ainda, parar de me fazer passar vergonha. Mas não pude fazer isso, não queria magoá-la. De repente, lembrei que Melissa tinha ido passar as férias em Lanzarote, então não tinha perigo de ela aparecer por ali e depois sair contando para todo mundo na escola outra história da minha mãe maluca. Depois de lembrar disso, não me senti mais tão mal.

Mamãe foi parando. Eu me debrucei na janela e vi que ela estava quase saindo da plataforma. Se quisesse continuar me acompanhando, logo teria que correr pelo trilho vazio ao lado do trem. E nem ela é *tão* maluca assim. Finalmente, parou de correr. Ficou parada, com a cara mais triste do mundo. O trem seguiu em frente, e ela e Rosie foram diminuindo até ficarem parecendo uma versão em miniatura delas próprias lá longe.





Dei tchau pela última vez e sentei na poltrona.
Enfim, livre!

* * *

Eu mal podia acreditar que era verdade. Parecia que tinha sido ontem que me deixaram ir pela primeira vez sozinha na lojinha perto lá de casa. E só me deixaram ir à cidade depois de eu passar meia hora prometendo que ia ser boazinha. Agora, cá estava eu, sozinha num trem indo para Dublin. Senti vontade de me beliscar para ver se era verdade, mas me dei conta de que isso era o tipo de coisa que as crianças só fazem nos livros. Então, eu me segurei. Em vez disso, recostei no banco e sorri, até perceber que a senhora sentada à minha frente estava me olhando com uma cara engraçada. Parei de sorrir, e ela voltou a fazer seu tricô. Estava tricotando um pulôver com uma lã laranja brilhante horrorosa. Parecia que ia ficar duro e pinicando. E uma pobre criança teria que usar aquilo, pensei. Agora eu tinha dois motivos para estar feliz. Um: estava indo passar seis dias inteirinhos em Dublin com Alice; dois: a senhora do tricô não era minha avó.

Enfiei a mão no bolso do casaco e puxei o e-mail que Alice me mandou uns dias atrás. Eu já tinha lido





aquela mensagem umas cem vezes, mas li de novo,
bem devagarzinho, saboreando cada palavra.

Oi, Meg,

não consigo acreditar que logo, logo vou ver você. E por seis dias inteiros!!! Vamos nos divertir pra caramba. MUITO!!!! MUITO mesmo!!!! Eu já planejei tudo. Economizei um dinheirão e todos os dias vamos fazer alguma coisa especial. Vamos ao cinema pelo menos duas vezes. Vamos também à cidade para fazer as unhas em um lugar bem legal que eu conheço. E tem uma loja onde podemos fazer nossos próprios bichos de pelúcia. Vou fazer um coelhinho para o Jamie (você sabe como ele adora coelhinhos) e você poderia fazer um ursinho para a Rosie. Tem um lugar onde podemos tomar o chocolate quente mais gostoso do mundo, cheio de marshmallows. Uma delícia! É bem espumante, nada a ver com o que a gente faz em casa. Mamãe disse que podemos jogar Quasar na loja nova que é muito legal e não fica longe do nosso apartamento. Vamos nos divertir muuuuuuuuito!

Beijos!

Al





Sorri de novo. Eu estava contente por Alice não ter nenhum plano mirabolante para essa viagem. A vida ficava bem mais complicada quando Alice acionava aquilo que eu chamava de “modo-planejamento-maluco”. Eu só queria passar uns dias com ela. Alguns dias livre de verduras e legumes orgânicos, e dos esforços da mamãe pra salvar o mundo. Tudo que eu queria eram alguns dias de diversão.

Fechei os olhos e pensei nas coisas legais que Alice tinha planejado. Ela sempre tinha as melhores ideias do mundo. De repente, senti um formigamento misturado com entusiasmo. Essa viagem ia ser ótima. Eu tinha certeza.

Dobrei o e-mail e o coloquei de volta no bolso onde havia outro pedaço de papel. Dei um suspiro quando puxei o pedaço para fora. Era a folha que mamãe tinha enfiado na minha mão quando embarquei no trem. Eu a abri e suspirei de novo. O texto se parecia com os dez mandamentos, só que ali devia ter uns cem, com a letra toda certinha da mamãe cobrindo os dois lados de uma folha de papel enorme. Mamãe acredita em listas (quanto maior a lista, melhor), e dessa vez ela tinha caprichado!

Não fale com estranhos.

Não se esqueça de trocar de trem depois de Limerick.





Ajude nas tarefas domésticas.

Vista seu casaco quando for sair, pois ainda estamos em fevereiro.

Ponha as luvas e o cachecol. (Eu não poderia obedecer a essa regra, mesmo que quisesse, pois tinha tirado minhas luvas e meu cachecol da bolsa quando mamãe não estava olhando, e os escondi atrás do armário.)

Não coma muita besteira.

Se não tiver nenhuma comida saudável, compre frutas todos os dias.

Ligue para casa pelo menos uma vez por dia.

Não fique acordada até tarde.

Não vá a lugar algum sozinha.

Não saia depois das sete da noite.

As recomendações não acabavam mais. Era uma enorme lista de “faça isso” e “não faça aquilo” (ganhando em disparada o “não faça aquilo”). Parecia até que mamãe tinha entrado no trem e estava sentada ali do lado sacudindo o dedo para mim. Parei de ler e dei outro longo suspiro. Sabia que mamãe tinha boas intenções, mas, às vezes, ela passava um pouquinho dos limites. Ela precisava tomar umas pílulas relaxantes.

Li rapidinho aquela lista até o fim só para ter certeza de que ela não havia escrito algo doido e





maravilhoso como: “Escondi 100 euros no fundo da sua bolsa” ou “Contratei uma entrega diária de doces para a casa de Alice”. (Mas é claro que ela não tinha escrito nada disso.) Então rasguei o papel em pedacinhos pequenininhos e joguei todos eles no pequeno cinzeiro metálico que ficava ao lado do meu banco.

Conferi se a mulher sentada na minha frente não estava vendo e dei outro grande sorriso. Seis dias inteiros. Seis dias fazendo coisas legais com Alice. Seis longos e maravilhosos dias antes de ter que voltar para minha casa chata e para todas as minhas tarefas estúpidas e jantares com grãos de aspecto esquisito. Seis dias no paraíso!

Era bom demais para ser verdade, então me dei uma beliscadinha, só para ter certeza de que não estava sonhando.

